

Xavantes estão prontos para expulsar posseiros

OSCAR R. GASPAR

Enviado Especial

Fundado há pouco mais de dois anos pelos posseiros que chegaram a Mato Grosso atraídos pela ilusória propaganda da terra fácil, o longínquo e pobre povoado de Novo Paraíso, no vale do rio Culuene, em Barra do Garças, está prestes a se transformar numa grande aldeia xavante, a valer o desejo e os esforços do "capitão" Abrão Rumori Xavante. Com as constantes ameaças dos índios — que não admitem a presença dos brancos em suas terras — e as primeiras providências da Funai para a demarcação da reserva, alguns posseiros já deixaram o povoado e, na terça-feira, os capitães Abrão e Gabriel — este chefia a "aldeinha" com 250 índios — já escolheram as duas melhores casas, ainda ocupadas, que trocarão pelas malocas da aldeia, localizada a 9 quilômetros dali.

No vale do Culuene, onde ainda vivem aproximadamente 800 famílias de posseiros, as disputas entre brancos e índios começaram há quase 20 meses, quando os xavantes, que haviam sido contratados em 1951 e levados para as margens do rio Couto Magalhães, pelo sertanista Francisco Meirelles, começaram a retornar para o seu local de origem e ali encontraram, além de centenas de pequenos colonos, a pequena vila de Novo Paraíso, com pouco menos de uma centena de pobres casebres. Talvez por ignorância, os brancos haviam violado o cemitério onde estão sepultados os antepassados do grupo indígena e isso revoltou ainda mais os xavantes. Em outubro do ano passado, os índios destruíram uma ponte da estrada que ligava o vilarejo a Barra do Garças, para evitar a entrada de novos posseiros. E há três meses atacaram um caminhão, ferindo três brancos.

"A terra é nossa de muito tempo. Foi meu pai e o pai de meu pai quem fez tudo isso aqui", diz Abrão Rumori Xavante, apontando para as palmeiras plantadas no centro da aldeia. Agora ainda mais revoltado porque os brancos invasores não deixaram as terras até 30 de abril, prazo concedido para que pudessem concluir suas colheitas, Abrão diz: "General

Ismarth, nosso grande chefe, já sabe: branco só fica aqui até 15 de maio. Índio já não pode esperar mais e ninguém quer viver misturado. Só pode ficar xavante. Branco vai para a cidade, lá que é o lugar de passear e beber cachaca".

Na terça-feira Abrão mandou buscar no posto xavante do Batovi seu velho tio Seirecnase, de 80 anos, "para ele ver como branco estragou sua terra".

Desde julho do ano passado o sertanista Jamiro Batista Arantes, chefe do posto de Funai no Culuene, vem tentando evitar um conflito entre os brancos e os xavantes, inconformados com a invasão. Quando os índios derrubaram a ponte de ligação entre Novo Paraíso e Barra do Garças — que passou a ser feita por uma trilha que passa dentro da aldeia, pois os índios acham que assim podem evitar a chegada de novas famílias de posseiros — o sertanista determinou que fosse permitida somente a entrada de gêneros alimentícios. Porém ainda hoje os dois pequenos empórios da vila vendem bebidas alcoólicas livremente.

Ali, no vale do rio Culuene, as terras são muito férteis e os posseiros, mesmo sem recursos e sem financiamentos para lavouras maiores, vão colher este ano mais de 30 mil sacas de arroz. No entanto, sem estradas e, agora mais do que nunca, ameaçados de serem expulsos pelos índios, eles trocam uma saca de arroz até mesmo por um pacote de cinco quilos de farinha de trigo, com algum "picareta" — como é chamado quem vive de compra, venda e troca no Interior de Mato Grosso — que se aventura a chegar até lá com um caminhão, correndo o risco de ser atacado pelos xavantes.

Este é o caso de José Ferreira Barbosa, que com um caminhão Chevrolet, faz o trajeto Barra do Garças - Novo Paraíso duas vezes por mês. "Ganho algum dinheiro — diz ele — mas com as ameaças dos índios está ficando muito arriscado. E o pior é que os xavantes sabem que os brancos só saem daqui mortos".

Temendo as repetidas ameaças dos xavantes, muitos posseiros já deixaram Novo Paraíso e se refugiaram em glebas distantes, embora ainda dentro da área de 51 mil hectares, dos índios, para cuja demarcação a Funai já está providenciando a concorrência.

1976 ?

1181